

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO CRÍTICO DE MICHEL FOUCAULT

a função crítica dos meios de transformação de si

## RÉFLECTIONS SUR LA PENSÉE CRITIQUE DE MICHEL FOUCAULT

la fonction critique des moyens de transformation de soi

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i2.53158>

**Jefferson Martins Cassiano\***

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/1768980544580722>

<https://orcid.org/0000-0001-9853-6599>

[jeffmarcas@hotmail.com](mailto:jeffmarcas@hotmail.com)

**Philippe Lacour\*\***

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/6424210911031934>

<https://orcid.org/0000-0003-3226-584X>

[philacour@unb.br](mailto:philacour@unb.br)

\* Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília.

\*\* Professor Doutor em Filosofia na Universidade de Brasília.

## RESUMO

O texto aborda o pensamento crítico de Michel Foucault, partindo de sua consideração como um herdeiro da tradição da filosofia crítica de Kant, a qual se orienta para um diagnóstico do presente. Existem comentários sobre este tema da filosofia foucaultiana, contudo, deixam de elaborar certos aspectos importantes relacionados à maneira como Foucault coloca uma questão que oriente sua pesquisa. Ao entender a importância da filosofia crítica de Kant como objeto de análise, também é destacado a função crítica pretendida por Foucault em relação aos interesses que sua pesquisa assume. Justamente desenvolver os aspectos de tal função crítica caracteriza o propósito almejado de avançar em um tema pouco explorado: a relação entre crítica e transformação. Nesse sentido, o argumento favorece a função crítica dos meios de transformação de si, para que o pensamento crítico de Foucault não fique incompleto e possa lhe conferir uma posição distinta na tradição da filosofia crítica.

**Keywords:** Michel Foucault. Pensamento crítico. Tradição da filosofia crítica kantiana. Função crítica. Meios de transformação de si.

## RÉSUMÉ

Le texte aborde la pensée critique de Michel Foucault, en considérant qu'elle hérite de la tradition de la philosophie critique kantienne et l'infléchit en direction d'un diagnostic du présent. Il existe plusieurs commentaires de la philosophie foucauldienne touchant ce thème, cependant, ces lectures omettent d'aborder certains aspects importants de la manière dont Foucault formule une question orientant toute sa recherche. En comprenant l'importance de la philosophie de Kant pour Foucault, on souligne la fonction critique conférée par le philosophe français à ses recherches. L'objectif du présent article est de développer précisément les aspects d'une telle fonction, afin d'approfondir un sujet peu exploré : la relation entre critique et transformation. En ce sens, le propos privilégie l'étude de la fonction critique des moyens de transformation de soi, afin que la pensée de Foucault ne paraisse pas rester incomplète et puisse assumer une position originale dans la tradition de la philosophie.

**Mots-clés:** Michel Foucault. Pensée critique. Tradition de la philosophie critique kantienne. Fonction critique. Moyens de transformation de soi.

## Foucault, Kant, tradição da filosofia crítica e pensamento crítico

Certamente, Michel Foucault foi um dos pensadores mais influentes de seu tempo e ainda hoje, quarenta anos após sua morte, sua obra continua a contribuir em vários debates nas diferentes disciplinas das ciências humanas. Entre os diversos interesses recebidos pelo pensamento foucaultiano, estudos sobre a noção da crítica passaram a comparecer na literatura especializada sobre o autor a partir da década de 1990. Em termos de frequência nos registros deixados nas obras de Foucault, a noção de crítica não se equipara a outros conceitos, tais como verdade, discurso, poder, experiência. Todavia, pode-se dizer que tal noção é intermitente, isto é, reaparece oportunamente ao longo de sua trajetória, acompanhado as modificações temáticas. O que torna mais atrativo ter a devida atenção com a noção de crítica diz respeito ao fato de que Foucault, quando teve a oportunidade de definir em que consistia sua pesquisa, a considerava inscrita na tradição kantiana da filosofia crítica, chamando, então, de “história crítica do pensamento”, ou simplesmente, pensamento crítico (Foucault, 2008, p. 22; Foucault, 1994, IV, pp. 562-578; pp. 579-580; pp. 632-634)<sup>1</sup>. Logo, entender em que consiste e por quais razões é possível se referir à pesquisa foucaultiana como um pensamento crítico, orienta o propósito deste texto.

Convém admitir que diferentes abordagens são plausíveis, cada qual privilegiando um aspecto ou outro, como a análise metodológica (Piza, 2014; Stival, 2013) ou a normativa (Butler, 2010; Taylor, 1984). Pode-se dizer que a dimensão crítica da filosofia foucaultiana foi exposta primeiramente por Habermas, na tentativa de um debate em torno da questão da racionalidade moderna (Habermas, 2000; Habermas, 1995; Kelly, 1995a). No contexto do livro *O discurso filosófico da modernidade*, publicado em 1985, Habermas adota uma leitura da obra foucaultiana sob a perspectiva de uma crise da razão, argumentando que ela carece de um projeto com pretensões críticas filosoficamente fundamentadas

---

<sup>1</sup> Vale dizer que por vezes Foucault omite o termo “crítica” de expressões como “história do pensamento” e “ontologia histórica”.

e empiricamente orientadas. Nesse sentido, uma das principais objeções feita por Habermas (2000, pp. 387-412) diz respeito ao que chama de criptonormativismo, isto é, um déficit normativo (pois a base normativa nunca é assumida como tal) que incapacita a justificação das condições de possibilidade de pretensões críticas acerca de uma teoria social<sup>II</sup>. Assim, ao trazer uma leitura da crítica da razão planejada por Foucault, Habermas a enquadra nos termos da tradição da teoria crítica que questiona as premissas metodológicas de Foucault em vista de uma avaliação sobre suas bases normativas. Desta maneira, Habermas não se atenta, ou pouco considera, as próprias noções de crítica elaboradas por Foucault, concluindo que todo o potencial da (teoria) crítica, qual seja, a emancipação por consenso, acaba minado por uma teoria do poder (Habermas, 2000, p. 360; Kelly, 1995b, p. 365).

Após o caminho aberto por Habermas, vem se consolidando uma literatura sobre o tema da crítica em Foucault. Entre os diversos estudos realizados, vale mencionar dois tipos de abordagens que obtiveram relevância para os comentadores: por um lado, uma abordagem que investiga as implicações fenomenológicas sobre uma historicização do transcendental na forma de crítica assumida por Foucault (Visker, 1995; Thompson, 2008); por outro lado, uma abordagem que busca diagnosticar criticamente a modernidade e que se aproxima das análises históricas foucaultianas de maneira complementar às pretensões almejadas pela filosofia social (Allen, 2008; Saar, 2007). Para compreender cada uma das citadas abordagens, é feita uma análise com base em representantes: Béatrice Han representa a abordagem fenomenológica do pensamento crítico de Foucault (i), enquanto a abordagem do diagnóstico da modernidade é representada pelo estudo de Colin Koopman (ii).

(i) Ambos os comentadores reconhecem a presença de um pensamento crítico ao longo da pesquisa foucaultiana; nesse caso, se trata de saber de que modo ele tem sido interpretado. Em 2002, Han publicou *Foucault's critical project: between the transcendental and the historical*, cujo objetivo evidencia uma historicização do tema transcendental da filosofia kantiana. Desta forma, Han questiona se a filosofia de Foucault,

---

II Essa objeção de Habermas se aproxima bastante da leitura de Nancy Fraser (1981).

no transcorrer de sua trajetória, é coerente com um projeto unificado e orientado para o mesmo problema. Para responder esta questão, a comentadora elabora a hipótese de que deve haver um conceito central capaz de subordinar os demais conceitos e temas da filosofia foucaultiana (Han, 2002, p. 02). O conceito elegido por Han é o *a priori* histórico, cuja função tenta reabilitar a questão crítica kantiana acerca das condições de possibilidade da experiência, mas renunciando à filosofia transcendental de Kant. A partir disso, toda a reflexão da autora se concentra na “historicização do transcendental” e nas diversas tentativas feitas por Foucault em reativar o *a priori* histórico. Han considera, por um lado, que Foucault busca sempre novos meios de restaurar uma versão crítica do transcendental dentro do problema da contingência histórica; e, por outro lado, também assume que o filósofo apresenta diferentes avatares (*épistémè*, regimes de verdade, problematização) do *a priori* histórico em sua pesquisa (Han, 2002, p. 10; pp. 19-22; p. 78; p. 132).

Uma vez que Han opta por interpretar a filosofia foucaultiana como um projeto crítico ancorado no conceito de *a priori* histórico, ela traz, para tanto, um acurado exame da *Thèse complémentaire* de Foucault (2011), fazendo da questão sobre a ambiguidade empírico-transcendental de Kant, o ponto central de sua análise. A *Thèse complémentaire* se ocupa da relação entre o projeto das três *Críticas* de Kant com sua filosofia transcendental, passando pelo tema da *Antropologia*. Nesse contexto, Han identifica que inicialmente Foucault rejeita o projeto crítico kantiano destinado aos conceitos *a priori* de uma lógica transcendental; a seguir, assume que o próprio Foucault se interessa pela perspectiva de uma crítica kantiana orientada para as condições de possibilidade historicamente determinadas. Segundo a comentadora, tal interesse conduz Foucault a se reconhecer na tradição da filosofia crítica kantiana, mas, agora, tomando para si o projeto de superar a ambiguidade entre o campo empírico e o tema transcendental deixado por Kant.

Ocorre que, de acordo com Han (2002, cap. I), todo o desdobramento futuro da pesquisa foucaultiana descreve a oscilação entre o problema do empírico-transcendental kantiano colocado como uma questão crítica de oferecer as condições de possibilidade que fossem uma versão transcendental sem suporte de uma filosofia do sujeito. Assim, a fase

genealógica tenderia para o aspecto empirista e positivista da análise histórica de Foucault, na qual as condições de possibilidade seriam dadas pelos usos políticos dos dispositivos saber-poder. Contudo, ao adentrar na fase da subjetividade ética, Han considera que Foucault se viu obrigado a retornar à tendência transcendental de um sujeito, ainda que historicamente situado, filosoficamente atribuído de autonomia e autorreflexão, algo anteriormente negligenciado em sua pesquisa.

Portanto, Han conclui que o projeto crítico de Foucault falha ao dar valor transcendental aos campos empíricos, de modo que isto seria uma falta ontológica em seu pensamento, uma vez que não há como se fazer uma história do sujeito que não recaia no domínio do tema transcendental. Isso significa uma incapacidade de Foucault em lidar de modo satisfatório com as próprias objeções feitas à fenomenologia da experiência-vivida (*vécu*). Como consequência, a autora acredita que o projeto crítico de Foucault implica, ao mesmo tempo, em um projeto transcendental, cujo conceito de *a priori* histórico acusa a historicização do tema transcendental, o que só pode ser obtido com uma fundamentação filosófica, tal como propõe a fenomenologia husserliana. Logo, é com certa ironia que Foucault se percebeu obrigado a retornar ao problema que sempre procurou sobrepujar: a filosofia do sujeito.

(ii) Já em relação à abordagem do diagnóstico do presente, observa-se *Genealogy as critique: Foucault and the problems of modernity*, publicado por Koopman em 2013. Enquanto Han busca uma abordagem mais próxima à fenomenologia, Koopman propõe uma espécie de reconciliação do projeto crítico foucaultiano com as pretensões da teoria crítica frankfurtiana. Também como Han, Koopman assume a filosofia crítica kantiana como ponto de partida para sua análise, porém elege a genealogia de Foucault como tema central para elaborar seu argumento. Dessa forma, o projeto crítico “kantiano” de Foucault se desenvolveu como uma genealogia das problematizações, o qual teria um conteúdo mais empírico e histórico. Para tanto, o comentador deixa claro que não pretende fazer uma avaliação conceitual da crítica foucaultiana, uma vez que elege a problematização como a chave para um método histórico-filosófico, considerando que a “apropriação transformadora de Foucault do projeto crítico kantiano é melhor entendida como desdobran-

do uma investigação crítica para os fins da problematização de nosso presente histórico” (Koopman, 2013, p. 17). Nesse sentido, pode-se falar em uma abordagem orientada para diagnosticar a modernidade na forma de uma genealogia das problematizações.

Para justificar seu argumento, Koopman rejeita parte da pesquisa foucaultiana dedicada ao estudo da subjetividade ética greco-latina, por considerar um projeto insuficientemente desenvolvido. Nesse caso, parece ser intenção de Koopman aproveitar os *insights* da genealogia, restando o aspecto de diagnóstico do presente, e substituir a parte rejeitada pelas contribuições habermasianas sobre os procedimentos de fundamentação normativa. Com isso, o autor ressalva que não pretende realizar uma reconciliação da genealogia de Foucault com a teoria crítica de Habermas na forma de um projeto crítico filosoficamente unificado e totalmente compatível. Procurando uma tarefa mais modesta de ser executada, Koopman defende a possibilidade de uma complementação em relação à prática da atividade crítica, uma espécie de delegação de tarefas.

Logo, Koopman atribui à filosofia foucaultiana uma noção de crítica inspirada na filosofia kantiana, isto é, a crítica como um questionamento acerca das condições de possibilidade, sendo que, enquanto Kant investigaria as condições transcendentais, Foucault usaria a genealogia para problematizar as condições de possibilidade da prática exercida. Com isso, o comentador sustenta que ao estudar a psiquiatria, a sexualidade, a punição, Foucault estaria executando seu projeto crítico de problematizar as condições de possibilidade de tais práticas em suas contingências e complexidades. Assim, Koopman conclui que a genealogia poderia auxiliar a compreender os conflitos inscritos em tais práticas e, então, aprimorar o diagnóstico acerca das pretensões desejadas, mas ainda não realizadas, as quais somente podem ser orientadas pelo processo histórico. Desta forma, Koopman (2013, p. 268) sugere uma nova forma de pesquisa crítica em que seja possível delegar “à genealogia o projeto de problematização histórica e à teoria crítica pragmatista o projeto de reconstrução futura”. Nesta avaliação, o projeto crítico de Foucault ainda se revelaria bastante propício ao exercício dos potenciais transformadores da atualidade.

Uma vez conhecidas tais abordagens, uma mais negativa e outra mais positiva, representadas pelas pesquisas de Han e Koopman, convém admitir que se trata de propostas pautadas nos registros de Foucault, com argumentos interessantes e que sustentam suas plausibilidades com base nos aspectos elegidos para serem analisados. Não obstante, o que pode ser entendido como o pensamento crítico de Foucault deve incluir tanto sua relação com a filosofia crítica de Kant quanto os propósitos que organizaram seus interesses de pesquisas. Nesse sentido, tanto Han quanto Koopman interpretam a filosofia foucaultiana, por assim dizer, com base em outras tradições críticas, o que pode vir a desviar a atenção das ferramentas conceituais usadas por Foucault para explorar de modo inovador certas práticas sociais e suas implicações nos modos de objetivação e subjetivação do comportamento humano.

Por essa razão, a hipótese a ser desenvolvida visa argumentar que o pensamento crítico não se limita aos comentários de Foucault à filosofia crítica de Kant, sendo necessário assinalar qual a relevância da função crítica que o filósofo designa para sua pesquisa. No caso dos comentários de Han e Koopman, mesmo a noção de atitude crítica parece suplementar às conclusões obtidas, privando da função crítica de Foucault aspectos importantes como desassujeitamento e dessubjetivação. A partir disso, vale refletir sobre o impacto da função crítica na maneira como Foucault pensou e se interessou pelas suas temáticas, como articulou as formas de problematização com os *foyers* de experiência e seus meios de transformação. Sem esta reflexão, pode-se dizer que o entendimento sobre o pensamento crítico de Foucault restaria incompleto.

## **Os kantismos de Foucault: do discurso antropocêntrico ao diagnóstico do presente**

Foucault vincula seu pensamento crítico à tradição crítica kantiana, mas isso não significa restringir o debate apenas a este âmbito. Como visto, tanto os comentários de Han quanto de Koopman atrelam a pes-

quisa de Foucault às condições de possibilidade de matriz kantiana. No entanto, convém ponderar se o pensamento crítico não teria mais a contribuir do que foi alegado pelos comentadores. Nesse sentido, é oportuno fazer uma distinção sobre a crítica kantiana enquanto objeto de análise e a função crítica que Foucault quer atribuir, por meio da crítica kantiana, a sua própria filosofia.

Enquanto objeto de análise, Kant foi o principal alvo dos estudos de Foucault sobre a filosofia crítica (mas não sua única influência), recebendo atenção em quatro textos importantes (Foucault, 2011; Foucault, 1966; Foucault, 2015; Foucault, 1994, IV, pp. 562-578). Além disso, é notável a presença de dois kantismos (Bolmain, 2011; Terra, 1997). nos registros do autor: um primeiro kantismo dos escritos iniciais que diz respeito à relação entre crítica e antropologia filosófica; um segundo kantismo dos escritos tardios que se refere à relação entre crítica e *Aufklärung*. Em sua aula do curso no *Collège de France* de 1983, *Gouvernement de soi et des autres*, Foucault (2008, p. 21) concebe a filosofia crítica como uma forma de questionamento, isto é, um exercício de “colocar em questão” uma pergunta que oriente a filosofia.

Neste ponto, Foucault confere a Kant a abertura de duas tradições críticas. A primeira tradição crítica questiona a condição do conhecimento verdadeiro, que Foucault chama de analítica da verdade (i). Já a segunda tradição questiona o acontecimento da atualidade, denominada de ontologia de nós mesmos, a qual o filósofo, então, se reconhece vinculado à tradição kantiana da filosofia crítica (ii). Dessa forma, já se encontra uma leve divergência com relação aos comentários de Han e Koopman, pois é possível investigar melhor quais tipos de questionamentos são tratados por Foucault, em vez de se limitar a discutir se o autor aborda condições de possibilidade transcendentais ou empíricas, ainda que tal reflexão tenha sua importância.

(i) Observando os registros deixados, pode-se perceber que no início de sua trajetória, Foucault se ocupou com uma questão transversal em suas obras da fase arqueológica, a qual pode ser definida como discurso dos universais antropocêntricos. Pode-se entender por discurso antropocêntrico um termo representante de uma tematização recorrente desde

a *Thèse Complémentaire* até *Les mots et les choses*, geralmente presente nos momentos conclusivos de suas obras. Tal tematização recebeu diferentes nomes, tais como ilusão antropológica, círculo antropológico e sono antropológico; contudo, tratam do mesmo assunto: um tipo característico de pensamento que marca a atividade filosófica da modernidade.

A relevância de se observar o discurso antropocêntrico decorre do fato de que justamente neste ponto, o autor atrela o questionamento da crítica ao que chama de antropologização do pensamento (Foucault, 1966, pp. 353-359), cuja referência é Kant. Segundo Foucault, Kant colocou em questão a finalidade de seu projeto crítico na busca por uma filosofia transcendental que deveria responder à pergunta: o que é o “Homem”? (Foucault, 1966, p. 353). Esta questão destinada à crítica kantiana serve de *leitmotiv* para Foucault examinar os modos de objetivação do ser humano na figura do “Homem” do saber moderno, analisando quais práticas discursivas podem ser formadas em torno de tal objeto científico, quais regras deve obedecer e quais *loci* de enunciação ocupam e governam (Foucault, 1969; Foucault, 1971).

Portanto, pode-se dizer que Kant, no entendimento de Foucault, inaugura a discursividade antropocêntrica da modernidade ao condicionar seu projeto crítico à questão: o que é o “Homem”? Nesse caso, Foucault apresenta uma análise negativa sobre a filosofia crítica, buscando em outro filósofo um contra-ataque: Nietzsche. É bastante perceptível que a leitura que Foucault fez da filosofia crítica de Kant foi influenciada por lentes nietzschianas, tanto que é famosa sua polêmica suspeita da morte do Homem. A resposta encontrada por Foucault (1994, I, p. 553), neste momento, para o discurso antropocêntrico reside em uma aposta desafiadora de pensar de outra forma novos modos de ser: *Übermensch*.

(ii) Já o segundo tipo de questionamento da tradição crítica é marcado por um retorno a Kant, mas agora sob a perspectiva do acontecimento da atualidade. Nesta fase tardia de sua filosofia, Foucault se ocupa com o *ethos* filosófico, isto é, seu estudo tem por base os modos de ser, dizer e se comportar, o que o leva a perceber a crítica como uma atitude (Foucault, 2015; Foucault, 1994, IV, pp. 562-578). Tal atitude crítica

foi inaugurada pela exortação kantiana da *Aufklärung*: *sapere aude!*, ouse saber! Deste modo, com a relação crítica-*Aufklärung* surge outra orientação para a filosofia moderna que, em vez de reproduzir o discurso dos universais antropocêntricos, deve interrogar qual relação tem sido mantida com o presente. Foucault (1994, IV, p. 568) denomina este projeto de ontologia histórico-crítica de nós mesmos e o questionamento que pode representá-lo seria: o que acontece com quem somos nós atualmente? (Gros, 1995a).

Neste estágio da filosofia foucaultiana, o autor já desenvolveu os modos de subjetivação e formou um robusto repertório conceitual, o que lhe permitiu se afastar da influência nietzschiana precedente. Ao combinar a orientação do *ethos* filosófico com uma noção de crítica como atitude, Foucault (1994, IV, p. 579) concebeu a própria modernidade como uma questão filosófica, na qual a análise histórica não se limita à catalogação de ocorrências, mas implica principalmente em examinar qual tipo de relação é estabelecida com a experiência de si mesmo. Justamente neste ponto, Foucault reivindica seu pensamento como uma atividade crítica, o qual teria como tarefa fazer aparecer os limites de uma prática e, com isso, seus possíveis meios de transformação; nas palavras de Foucault (1994, IV, p. 571): “gostaria de enfatizar o enraizamento da *Aufklärung* de um tipo de interrogação filosófica que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio”, concluindo que a *Aufklärung* poderia ser usada como “uma reativação permanente de uma atitude, ou seja, de um *ethos* filosófico que seria possível caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico”.

Portanto, a filosofia crítica enquanto objeto analisado por Foucault tem Kant como seu alvo e pode ter seus principais traços delineados com base em dois tipos de questionamentos. O primeiro tipo concernente à questão: o que é o “Homem”?, que caracteriza um projeto crítico destinado ao discurso antropocêntrico. O segundo tipo se refere ao acontecimento da atualidade, na medida em que este implica em uma ontologia de nós mesmos, isto é, a maneira de experimentar certo cuidado com o atual. Com isso, apenas pela leitura da filosofia crítica como objeto de análise, pode-se observar dois resultados distintos: um negativo

em relação à questão: o que é o “Homem”?; outro positivo em relação à questão: o que acontece com quem somos nós atualmente? Em comum a ambos, a exigência foucaultiana de “colocar em questão” uma pergunta que oriente a pesquisa filosófica. Nos estudos de Foucault (1994, I, p. 552; pp. 601-620; pp. 662-668; 1994, III, pp. 571-595), tal exigência costuma receber o nome de diagnóstico do presente e, a partir dele, é possível fazer um exame acerca da função crítica de seu pensamento.

### **A função crítica da filosofia de Foucault: importância dos meios de transformação de si para o pensamento crítico**

A função crítica do pensamento de Foucault pede uma análise mais complexa do que a leitura da filosofia crítica kantiana, pois diz respeito ao modo como o filósofo conduziu sua pesquisa. É bastante conhecido que Foucault reelaborou diversos projetos ao longo de sua trajetória, da mesma forma que promoveu significativos deslocamentos teóricos. Não obstante, uma das teses que precisa ser assegurada se refere ao fato que o pensamento crítico não seja limitado ao comentário da filosofia crítica de Kant e, no entanto, seja apto a acompanhar as mudanças e correções de rota. A importância da função crítica é sinalizar os interesses assumidos pelo autor ao se referir ao seu diagnóstico do presente.

A primeira função crítica a ser observada ocorre em resposta ao discurso antropocêntrico, quando Foucault (1969, p. 25) determina qual a tarefa da arqueologia do saber: “empresa pela qual se tenta desfazer as últimas sujeições antropológicas; empresa que quer, em troca, mostrar como essas sujeições puderam-se formar”. Neste caso, o foco da função crítica é questionar os modos pelos quais o ser humano foi tomado como objeto de saber. Isto se refere à sua pesquisa sobre a loucura como doença mental, à delinquência como conduta desviante, e mesmo à sexualidade como uma política da identidade (Foucault, 1994, I, p. 168; 1994, IV, p. 29; p. 741). As práticas de sujeição são estudadas por Foucault já na fase da genealogia do poder, sob a perspectiva das tecno-

logias de biopoder que incidem sobre aspectos do poder disciplinar e da governamentalidade biopolítica. A hipótese aventada pelo autor sugere que a produção do discurso antropocêntrico não assinala apenas uma vontade de saber que delimita e classifica seu objeto (o “Homem”), mas também um desejo de disputar o controle pelos seus modos de objetivação (Foucault, 1971).

Nesse sentido, a função crítica de desfazer as sujeições antropocêntricas pode ser reconhecida por meio do interesse do filósofo pelo problema da partilha entre normal e anormal (Foucault, 1999; 2003). Inspirado pelo pensamento de Canguilhem (2011), Foucault (1994, III, pp. 237-253; pp. 443-464) dedicou muitas páginas de suas obras aos comportamentos desviantes, desde a vida dos homens infames, passando pelo indivíduo perigoso, até chegar na governamentalidade biopolítica dos indesejados. Com isso, parece oportuno mencionar que a questão kantiana: o que é o “Homem?”, que representa o discurso antropocêntrico, contenha uma implicação latente que Foucault tenta extrair, a saber, uma questão implícita, mas dotada de verdades mais poderosas: afinal, o que é o “Normal” do “Homem”? É preciso destacar do argumento foucaultiano, a ideia de que o conhecimento sobre a anormalidade, a psicopatologia e os desvios e distúrbios, despertam mais interesses e são mais bem desenvolvidos do que as verdades admitidas sobre o “Homem Normal”.

Diante deste contexto, é possível complementar a função crítica de desfazer as sujeições antropocêntricas junto à tarefa de desassujeitamento dos saberes (Foucault, 1997, p. 9), cuja atribuição seria dupla: identificar os discursos que funcionam como práticas e desmascarar as práticas que não entram no discurso<sup>III</sup>. Foucault (1976; 1994, III, pp. 228-237) jamais compactuou com as teses acerca de um progresso em direção à Verdade, mas aceitava que as relações de poder eram constituídas de lutas, acontecimentos e estratégias que incidem sobre os corpos. Portanto,

---

III Consideramos que, enquanto as sujeições antropocêntricas visam a formação discursiva do “Homem Normal”, a função crítica é complementada pela noção de desassujeitamento dos saberes relacionada aos regimes de saber como produção de seus objetos (o “Homem”) e às relações de poder que geram a “condição de estar sujeito à” obediência da norma, ao controle social, à normalização da vida.

para entender o progresso da história do discurso antropocêntrico do “Homem Normal” seria preciso uma análise histórica dos saberes sujeitos que têm sido desqualificados e quais mecanismos operam nas práticas de controle social, como a vigilância, a punição, o internamento e todo um aparato de dispositivos de segurança (Foucault, 1994, III, pp. 74-79). Dessa forma se justifica a recusa à filosofia crítica destinada ao discurso antropocêntrico, pois para Foucault somente uma análise histórica acerca do desassujeitamento dos saberes daria à função de desfazer as sujeições antropocêntricas o caráter de uma crítica focalizada e efetiva (Foucault, 1997, pp. 9-11).

Nesse ponto, chega-se a um dos interesses centrais da filosofia de Foucault (1984, pp. 32-35), as formas de problematização. Trata-se de uma característica fundamental da função crítica que somente pode adquirir efetividade à medida que problematiza, isto é, que exige pensar por qual razão certas relações, como a sexualidade, são tratadas como problemáticas (Foucault, 1976, cap. III). De acordo com a genealogia conduzida pelo autor, não existe uma “natureza humana” acerca dos problemas alegados, mas apenas efeitos de uma construção histórico-cultural. Isto incide diretamente sobre o discurso antropocêntrico que tenta fundamentar uma “natureza humana”, tal como certos humanismos e teorias teleológicas. No lugar da alegada “natureza humana”, pode-se dizer que Foucault aborda a “condição humana”, pois uma vez que não existe uma essência que desenvolva a “natureza Normal”, resta saber sob quais condições atuam os modos de objetivação e subjetivação para que tal “Homem Normal” exista. Assim, tendo a normalização da sociedade como tema (Foucault, 1997, pp. 32-35; p. 225; Foucault, 1986, p. 188), a problematização privilegia os campos da psiquiatria e do direito para abordar como mecanismos clínicos e jurídicos acabam sendo colonizados pelo processo de normalização (Foucault, 1975; Foucault, 1976).

Uma vez entendido que as formas de problematização estão relacionadas com o processo de normalização, a tarefa crítica de desfazer sujeições antropológicas e desassujeitar os saberes tem como consequência pleitear que o saber não seja apenas um domínio de legitimação de um regime de autoridade, mas também tenha um uso efetivo e localizado como estratégia de resistência e empoderamento, concluindo que não

há um sujeito privilegiado para a tarefa de exercer a crítica. Neste ponto, a função crítica é complementada com a ideia do experimento de dessubjetivação, isto é, uma vez conhecida as condições de objetivação e subjetivação do ser humano, compete à função crítica questionar onde se posicionam os mecanismos que capturam a vida e onde certas práticas discursivas estão autorizadas a acontecerem. Isto requer atenção para a organização dos elementos que estão preparados para receber e atuar sobre certas experiências. Em seus estudos, Foucault se interessou por estes *foyers* de experiência que nas sociedades modernas apresentam potentes efeitos, como as prisões e os asilos.

O contexto do *foyer* de experimentação (Foucault, 2008, p. 06) reforça a ideia de que certas experiências, como a loucura e a delinquência, são efeitos da internalização de regras produzidas em espaços institucionais. Por isso, o experimento de dessubjetivação surge como a resposta buscada para desfazer as sujeições antropocêntricas e diz respeito ao procedimento experimental que implica em certo empoderamento, isto é, se refere à capacidade de o indivíduo e/ou grupo aumentar a autoeficácia em sua rede de relações. Desse modo, a dessubjetivação serve de apelo ao enfrentamento contra as estratégias de massificação e controle social, o que não significa idealizar uma autonomia plena, mas encontrar novos processos que amplifiquem as possibilidades de escolhas e intensifiquem as experiências em relação a si mesmo. Daí a importância do aspecto experimental, pois não corresponde à teorização sistemática e global de um horizonte normativo do que deve ser, mas se relaciona à análise histórica parcial e estratégica do que tem sido feito; ou seja, um diagnóstico do presente<sup>IV</sup>.

A função crítica de dessubjetivação revela, então, o interesse de Foucault pela *Aufklärung* como atitude crítica de saída da tutela, de modo que é em favor da dessubjetivação que o autor opera um deslocamento da crítica como valor de juízo para a questão de atitude, um

---

IV Recomendamos a observação da *antipsiquiatria*, um movimento interessante em que esta abordagem pode ser confirmada ou contestada, pois, primeiro, foi um experimento que deu origem à reforma psiquiátrica (e não o inverso); segundo, o nome de Foucault é recorrente nos estudos sobre o tema, mesmo que ele sequer tenha participado do movimento.

*vouloir-faire*, de modo que enquanto problematização, a noção de crítica é definida como “o movimento para o qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade em seus efeitos de poder e o poder sobre os discursos de verdade”, concluindo que, “a crítica teria por função o desassujeitamento no jogo do que poderia se chamar, em uma palavra, política da verdade” (Foucault, 2015, p. 39).

É no contexto dos estudos sobre a governamentalidade que Foucault busca desenvolver a atitude crítica, já percebida por Kant (1985, p. 100) em relação à liberdade de raciocinar, direcionada para uma arte de não ser de tal forma governado<sup>V</sup>. Contudo, importante notar que a pretensão de problematizar a governamentalidade em função da atitude crítica significa não apenas denunciar os abusos feitos pelo poder soberano, mas também identificar os mecanismos que estão organizados para se “estar na condição de sujeito a” um estado de obediência integral<sup>VI</sup>. Por isso, Foucault (2004a, p. 206) recorre ao que chama de *contraconduta*, uma espécie de desassujeitamento biopolítico da obrigatoriedade compulsória, o que envolve atentar para como se relacionam: as prescrições normativas do jogo código-conduta; conformidade da conduta em obedecer a estes códigos; e o modo pelo qual se estabelece uma relação consigo mesmo para alcançar certo modo de ser (Foucault, 1994, IV, pp. 555-560).

Considerados, então, os principais pontos da função crítica enquanto experimento de dessubjetivação, duas observações merecem ser comentadas. A primeira observação chama a atenção para o fato de que ao expressar a atitude crítica como arte de não ser de tal forma governado, à medida que o questionamento tem como alvo apontar sob quais condições certas pessoas têm sido tratadas e de que forma são governadas, pode-se dizer que suas implicações acabam orientadas para um *ethos* filosófico. A segunda observação diz respeito à noção de *contraconduta*

---

V A respeito da mesma temática, Foucault entende o liberalismo como uma forma crítica de autolimitação da razão governamental em *Naissance de la biopolitique* (2004b, p. 15).

VI O tema da obediência aparece em diversos registros de Foucault, especialmente relacionado à análise do poder pastoral e da confissão; Foucault (2014) dedicou um seminário em Louvain à questão da confissão, em 1981.

poder articular atitudes (revolta, insurgência, dissidência, sublevação) com acontecimentos (Reforma Protestante, Maio de 1968, Primavera Árabe)<sup>VII</sup>, algo que tem seu mérito em elucidar tematizações abordadas pela filosofia de Foucault, caso da transgressão, da resistência, da *par-rhesía*.

Não obstante, a atitude crítica não se restringe ao aspecto negativo de sua definição. Há outra definição para a atitude crítica que enfatiza seu aspecto positivo: transformar limites. Para entender o contexto desta atitude crítica, mais uma vez é à filosofia crítica kantiana que se recorre. Pode-se dizer que Kant buscava legitimar o uso da crítica pela sua universalidade, enquanto Foucault (1994, IV, p. 564; p. 574) se dedicou a fazer da crítica um exercício de problematização acerca do que acontece, e, a partir de certos experimentos, estimar a atualidade em sua diferença<sup>VIII</sup>. Além disso, se para Kant interessava um projeto crítico sobre os limites da Razão, para Foucault importava a função crítica sobre os limites do atual, que recebeu o nome de ontologia de nós mesmos.

Isto traz uma ressignificação para o pensamento crítico de Foucault, de modo que a atitude crítica, compreendida em um *ethos* filosófico, é caracterizada como uma atitude-limite, cujo questionamento sobre o que se apresenta como universal e obrigatório, é feito com base em uma análise histórica que restitui à atualidade seu aspecto singular e contingente. Para Foucault (1994, IV, p. 574), então, “trata-se, em suma, de transformar a crítica exercida sob a forma de limitação necessária em uma crítica prática sob a forma de ultrapassagem possível”.

---

VII A respeito da primavera árabe, tal evento reforça a atualidade da aplicação da noção de contraconduta, como faz o estudo de Jalila Hadji (2021), *Penser les contre-conduites avec Michel Foucault*, o qual traz a ideia central de proporcionar uma análise em termos filosóficos da dimensão política dos movimentos sociais que emanaram da “Primavera Árabe”.

VIII Entendemos que para Foucault, a atualidade não tem como referência nem o passado como uma época no mundo e nem o futuro como a promessa de novos tempos; atualidade implica ser mais que um espaço cronológico. Atualidade se relaciona como o acontecimento, de modo que esta relação é moderada pela *diferença*: qual a diferença do que deixamos de ser, daquilo para o que ainda pensamos que somos.

Não obstante, Foucault declara que a atitude crítica, para transformar os limites, também precisa ser uma atitude experimental, de modo que a pesquisa histórico-crítica, para se efetivar, demanda colocar à prova as condições (nem transcendentais, nem normativas) estratégicas e transversais da atualidade. Isto indica claramente que o filósofo prefere uma forma de filosofia crítica comprometida com o experimento em vez do fundamento. Foucault (2015, p. 51) fala em uma prova de acontecimentos que não corresponde à legitimação da Verdade, mas satisfaz ao exercício, ao uso, ao “experienciar”<sup>IX</sup> do que ocorre nos processos que levam a experiência ao seu limite (Lebrun, 1985). Por isso, diz Foucault (1994, IV, p. 575): “desse ponto de vista, a experiência teórica e prática que fazemos de nossos limites e de sua ultrapassagem possível é sempre limitada, determinada e, portanto, a ser recomeçada”<sup>X</sup>.

Enfim, vistas essas duas funções críticas, desassujeitamento do discurso antropocêntrico e experimento de dessubjetivação do processo de normalização, chega-se a uma terceira: a função crítica dos *meios de transformação de si*. Diferente das duas funções críticas mencionadas, o autor pouco se dedicou a registrar a tarefa transformadora da filosofia crítica; logo, trata-se de assumir o esforço de realizar este trabalho e restituí-lo ao pensamento crítico de Foucault.

Falar em meios de transformação de si implica em argumentar em favor da atividade crítica foucaultiana, avançando sobre as vantagens de se interessar pela problematização e experimentação. Nesse sentido, o desassujeitamento do discurso antropocêntrico, cujo símbolo costuma ser a suspeita morte do Homem, não pode ser encerrado em um niilismo. Do mesmo jeito, o experimento de dessubjetivação não pode significar a simples negação da própria subjetividade. Por isso, a importância de

---

IX Utilizamos este termo com a intenção de transmitir a ideia de uma dimensão mais subjetiva da preferência pessoal pelo estilo de vida.

X Esta sentença claramente reelabora a função crítica do desassujeitamento do discurso antropocêntrico, neste caso, em relação à crítica de Foucault contra o sono antropológico que consta em *Les mots et les choses* (1966, p. 353) no tema da suspeita “morte do Homem”: “Hoje em dia só podemos pensar no vazio do homem desaparecido. Porque esse vazio não cria falta; não prescreve uma lacuna a ser preenchida. É nada mais, nada menos, do que o desdobramento de um espaço onde finalmente é possível pensar novamente”.

temas como as práticas de resistência, a experiência-limite e a estética da existência, resguardados seus usos nos devidos contextos estudados, serem úteis para designar o aspecto ativo conferido à condição humana.

Dessa maneira, percebe-se a correlação criada por Foucault entre a “naturalização” presente no discurso antropocêntrico e seus efeitos no processo de normalização da sociedade. A esse respeito, pode-se dizer que sua pesquisa considera que a análise das condições históricas tem por função crítica “fazer aparecer” os modos de transformação possíveis onde se acreditava haver uma “natureza normal” do ser humano. Assumindo a condição humana como campo de estudo, Foucault procede pela problematização de como o ser humano chega a afirmar o que é, em vez de partir de uma fundamentação pautada na promessa do que o ser humano deve ser. Por isso, é na experimentação que o autor buscou estudar o que acontece, quais mecanismos funcionam, onde a captura da vida ocorre. A resposta obtida revela que é possível pensar diferentemente<sup>XI</sup>.

Uma das mais famosas frases de Foucault (1976, p. 125) diz que “onde há poder, há resistência”; tal afirmação pode emprestar à função crítica de dessubjetivação um meio de transformação, talvez conectado com uma experiência-limite, já que Foucault (1994, IV, p. 41) afirma que “uma experiência [– limite] é algo do qual saímos transformados”. É nesse sentido que a resistência ao poder, que tematiza a arte de não querer ser de tal forma governado, não deveria ser reduzida à mera imagem do desmascaramento da realidade, como se alguma dominação absoluta estivesse oculta. A resistência ao poder também pode ser o meio pelo qual se efetiva uma transformação de si, ou seja, se inventa uma nova maneira de se relacionar com o que é experimentado<sup>XII</sup>. A esse respeito, Gros (1995b, p. 12) pondera que “tentar dizer o que somos atualmente, discernir o nosso modo de ser como histórico, é na

---

XI Deduzimos esta informação dos estudos de Foucault dedicados à noção de simulacro de Pierre Klossowski; ainda acrescentamos que a insistência do filósofo pelo lema “*penser autrement*” (pensar de outra maneira) aponta para diferentes modos de ser.

XII Na filosofia foucaultiana, este tema está relacionado tanto com o *ethos* filosófico da modernidade na figura do dândi de Baudelaire, quanto na pesquisa sobre a *áskesis* (ascese), os exercícios espirituais da filosofia greco-latina.

verdade fornecer de imediato um relance da possibilidade de não mais sermos o que nos tornamos, para nos transformarmos. Crítica e transformação se implicam diretamente”.

Por fim, se os meios de transformação de si falham em fornecer as diretrizes desejadas sobre quando agir, o que dizer e como pensar, convém reforçar qual é a ideia de sua função crítica: tornar o que é considerado uma limitação necessária em um exercício de transformação possível. Para tanto, pode-se averiguar que, de um modo geral, a filosofia foucaultiana se revela propensa para tal tarefa, da seguinte maneira: nela é possível encontrar como a experiência (da loucura, sexualidade, delinquência) tem sido organizada em certas práticas sociais (punição, vigilância, internamento), assim como ela apresenta questões acerca de qual tipo de relação se manifesta (contraconduta, sujeição) com o que tem sido experimentado. Por se tratar de temas e análises feitas por Foucault, é preciso considerar que os meios de transformação de si sejam parte de seu propósito de pesquisa, ainda que sua execução seja questionável. Ocorre que não sendo tais meios diretamente observados, espera-se que seus efeitos sejam percebidos com base na problematização e experimentação. O próprio Foucault induz a esta interpretação da função crítica:

E, acima de tudo, não acredito que possamos opor-nos à crítica e à transformação, à crítica “ideal” e à transformação “real” [...] A crítica consiste em expulsar esse pensamento e tentar mudá-lo: mostrar que as coisas não são tão óbvias como pensamos, garantir que o que aceitamos como evidente não seja mais evidente. Criticar é tornar difíceis ações que são fáceis demais. Nestas condições, a crítica (e a crítica radical) é absolutamente essencial para qualquer transformação (Foucault, 1994, IV, pp. 178-179).

## O lugar do pensamento crítico na tradição da filosofia crítica

Foucault se considera um herdeiro da filosofia crítica kantiana na medida em que tal tradição é, ao seu modo, um diagnóstico do presente. Este seria o resultado de “colocar em questão” uma pergunta para a pesquisa filosófica: quem somos nós atualmente? Deste ponto de vista, é a filosofia crítica de Kant o objeto de análise privilegiado por Foucault, sendo estudada inicialmente com relação ao discurso antropocêntrico e, após anos, com relação à *Aufklärung*. Estes dois kantismos de Foucault talvez bastariam para justificar sua filiação à tradição da filosofia crítica kantiana; contudo, para entender em que se baseia a declaração do autor ao reconhecer sua própria pesquisa como um pensamento crítico, já parece ser mais complexo.

De outra perspectiva, é possível falar em uma função crítica que perpassa a obra do filósofo francês e diz mais sobre as temáticas, as análises, os argumentos e as teses elaboradas. Pode-se dizer que a função crítica designa os interesses que Foucault propôs para suas análises históricas, problematizando como certos discursos são formados e onde certas práticas podem operar.

Unindo as duas perspectivas, pode-se compreender que por meio da filosofia crítica enquanto objeto da análise, chega-se à tarefa de “colocar em questão” uma pergunta de pesquisa: o que acontece com quem somos nós atualmente? Já a função crítica da filosofia foucaultiana pode admitir um desenvolvimento em três tipos de expressões: desassujeitamento do discurso antropocêntrico; experimento de dessubjetivação; por fim, os meios de transformação de si. Considerar e articular os principais pontos entre as respectivas funções críticas parece ser um modo satisfatório para proceder pelo pensamento crítico.

O pensamento crítico de Foucault é reconhecido por muitos comentaristas e entre eles existem diferenças quanto à maneira de abordá-lo e interpretá-lo. Han apresenta uma conclusão negativa, considerando que

Foucault foi incapaz de superar os problemas filosóficos que se propôs a estudar. Já Koopman apresenta uma conclusão mais positiva, indicando que a filosofia foucaultiana é muito útil para executar o diagnóstico do presente e auxiliar na reconstrução de novas bases normativas. Soma-se a isso, o fato que cada comentador aborda o pensamento crítico pela sua tendência preferencial; Han adota a fenomenologia enquanto Koopman assume a teoria crítica. Em comum a ambos está o entendimento de Kant ser a parte mais fundamental para o projeto crítico de Foucault, de modo que os comentadores enfatizam bastante a crítica como um tema geral das condições de possibilidade.

Nesta reflexão sobre o pensamento crítico de Foucault, se reconhece a importância dos comentários de Han e Koopman (e que eles representam parte dos comentadores sobre o tema exposto), porém é oportuno destacar outros aspectos, especialmente examinando como a própria filosofia foucaultiana consegue responder às perguntas que propõem. Assim, poderia se dizer que o desafio surge em evidenciar que o pensamento crítico não é simplesmente tão evidente assim, pois Han e Koopman não se atentaram o suficiente para a relação entre as funções críticas e os propósitos da filosofia foucaultiana.

Para identificar quais propósitos motivaram os interesses da pesquisa de Foucault, basta recorrer às formas de problematização e *foyers* de experiência, pois são declarados pelo filósofo. Contudo, há um terceiro propósito identificado, ainda que pouco desenvolvido e questionavelmente executado; este propósito diz respeito aos meios de transformação de si. Ausente nos comentários de Han e Koopman, então, é um esforço assumido restituir sua importância para o pensamento crítico, de modo que este não fique incompleto.

A princípio, pode-se dizer que os meios de transformação de si encontram sua base na atitude crítica estipulada por Foucault como um meio de transformar limites. Nesse sentido, procura-se destacar como, pelo entendimento do autor, tais meios precisam ser problematizados e as transformações precisam ser experimentadas. Dessa maneira, o discurso antropocêntrico aparece como um meio usado para problematizar a naturalização do “Homem Normal”, quando, de fato, tal discurso pode

agenciar uma série de práticas de sujeição (confinamento, tratamento compulsório, deportação em massa). Já em relação à transformação de si, este “si”(soi) expressa a experiência de si mesmo, pois, como mencionado, o pensamento crítico se ocupa de experimentos, em vez de fundamentos. Com isso, a noção de transformação de si pode ser um útil suplemento ao experimento de dessubjetivação, por exemplo, na medida em que ela pode se vincular às práticas de resistência, parece ser possível pensar em transformar a resistência ao poder em uma forma de “empoderamento”.

Assim, a contribuição que a função crítica dos meios de transformação de si pode agregar ao pensamento crítico reside em trazer possibilidades de articulação de temas, propósitos e conceitos, ainda dentro do escopo da filosofia foucaultiana. De certa forma, abordar o pensamento crítico por esta perspectiva pode até ser uma resposta à alegada “crise da crítica” (Latour, 2004)<sup>XIII</sup>, uma vez que Foucault expressou seu interesse pelo “impacto da crítica”, ou seja, se ocupou com a análise de experiências efetivas e localizadas de práticas ligadas à condição humana, em vez de se dedicar aos fundamentos da “natureza humana”. É nesse sentido que o pensamento crítico de Foucault pode ser, ainda hoje, um projeto de pesquisa viável.

Isto implica em retornar à proposta principal do pensamento crítico: desde o início, Foucault concebe a crítica como uma *atividade*, em vez de um conjunto de doutrinas e teorias. Desta atividade crítica decorre sua tarefa: fazer o diagnóstico do presente. No entanto, é notório como diagnosticar o presente está atrelado ao questionamento que oriente uma pergunta de pesquisa; logo, uma atividade crítica de “colocar em questão”. Por isso, percebe-se que o pensamento crítico não se apresen-

---

XIII A esse respeito, consideramos que o texto de Bruno Latour (2004), *Why has critique run out of steam?: from matters of fact to matters of concern*, explora justamente esta questão acerca do atual *impacto da crítica*. Embora Foucault seja citado apenas uma vez no mencionado texto, convém que se possa refletir, como acredito que seja a intenção de Latour, sobre o atual estado da tarefa do pensamento crítico. Entendemos que isso corrobora a tarefa crítica como diagnóstico do presente e dialoga com a filosofia de Foucault, que também diagnosticou a necessidade de uma nova forma de fazer a crítica, de ter “atitude crítica”.

ta como uma teoria na qual houvesse um paradigma a ser executado. Por se tratar de uma atividade, o pensamento crítico é exercido para “pensar criticamente”. Dessa forma, não havendo a finalidade de legitimar o conhecimento verdadeiro, seu propósito está em ser utilizado (Foucault, 1994, II, p. 720). O modo como Foucault pode se fazer pensar criticamente é: problematizar, experimentar e transformar.

Enfim, espera-se que o pensamento crítico não precise ser complicado demais; porém, não é tão simples assim. Embora se perceba que há boas razões para comentadores como Han e Koopman fortalecerem o vínculo do pensamento crítico de Foucault com a filosofia crítica kantiana, existe, também, a clara percepção de que o modo como Foucault filosofa possui uma singularidade que lhe confere uma posição distinta na tradição da filosofia crítica. Por isso, todo o esforço assumido e reunido reside em facilitar a identificação deste modo de filosofar concebido como pensamento crítico, incluindo a função crítica dos meios de transformação, para que a tarefa não fique incompleta.

Frédéric Gros encontrou nos arquivos destinados à memória intelectual de Foucault, uma nota preparatória para uma conferência, datada de Setembro de 1980, na qual a letra de Foucault assente com o argumento defendido, ao esclarecer duas diretrizes de seu pensamento crítico: a análise histórica e os meios de transformação de si:

Penso que existe a possibilidade de fazer uma história do que fizemos e que seja ao mesmo tempo uma análise do que somos; uma análise teórica que tenha significado político, quero dizer, uma análise que tenha significado para o que queremos aceitar, recusar, mudar em nós mesmos nos nossos dias atuais. Em suma, trata-se de partir em busca de outra filosofia crítica: uma filosofia que não determine as condições e os limites do conhecimento do objeto, mas as condições e as possibilidades indefinidas de transformação de si (Foucault, 2008, p. 508).

## REFEFRÊNCIAS

ALLEN, Amy. *The politics of our selves: power, autonomy, and gender in contemporary critical theory*. New York: Columbia University Press, 2008.

BOLMAIN, Thomas. *Une expérience critique de la pensée: essai sur les kantismes de Foucault (1961-1969/1978-1984)*. Tese de doutorado. Universidade de Liège, 2011. Disponível em: <https://orbi.uliege.be/handle/2268/98991>. Acesso em:

BUTLER, Judith. Critique, dissent, disciplinarity. *Critical Inquiry*, v. 35, n. 04, p. 773-795, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1086/599590>.

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966.

FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 02 décembre 1970. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Éditions Gallimard, 1975.

FOUCAULT, Michel. *La volonté de savoir*. Histoire de la sexualité, vol. I. Paris: Éditions Gallimard, 1976.

FOUCAULT, Michel. *L'usage des plaisirs: histoire de la sexualité vol. II*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Dits & Écrits - tomos I, II, III, IV*. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Il faut défendre la société*. Cours au Collège de France 1975-76. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Les anormaux*. Cours au Collège de France 1974-75. Paris: Éditions Gallimard, 1999.

FOUCAULT, Michel. *L'herméneutique du sujet*. Cours au Collège de France 1981-82. Paris: Éditions du Seuil, 2001a.

FOUCAULT, Michel. *Le pouvoir psychiatrique*. Cours au Collège de France 1973-74. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Sécurité territoire population*. Cours au Collège de France 1977-78. Paris: Éditions du Seuil, 2004a.

- FOUCAULT, Michel. *Naissance de la biopolitique*. Cours au Collège de France 1978-79. Paris: Éditions du Seuil, 2004b.
- FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres*. Cours au Collège de France de 1982-83. Paris: Éditions du Seuil, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Loyola, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Obrar mal, decir la verdad: función de la confesión en la justicia*. Curso de Lovaina, 1981. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014
- FOUCAULT, Michel. *Qu'est-ce que la critique?* [Critique et Aufklärung]. Paris: Vrin, 2015.
- FRASER, Nancy. Foucault on modern power: empirical insights and normative confusion. *Praxis International*, v. 03, p. 272-287, 1981.
- GROS, Frédéric. Foucault e a questão do quem somos nós? *Revista Tempo Social*, v. 07, n. 1/2, p. 175-178, 1995a. DOI: <https://doi.org/10.1590/ts.v7i1/2.85221>.
- GROS, Frédéric. Foucault et le projet critique. *Raison Présent*, v. 114, 2e trimestre, p. 03-22, 1995b. DOI : <https://doi.org/10.3406/rai-pr.1995.3270>.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: 12 lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. Taking aim at the heart of the present: on Foucault's lecture on Kant "what is Enlightenment?". In: KELLY, M. (org.). *Critique and power: recasting the Foucault/Habermas debate*. Cambridge: MIT Press, 1995, pp. 149-154.
- HADJJI, Jalila. *Penser les contre-conduites avec Michel Foucault*. Paris: L'Harmattan, 2021.
- KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é "Esclarecimento?"* [Aufklärung]. Immanuel Kant: textos seletos. Edição bilíngue. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- KELLY, Michel (org.). *Critique and power: recasting the Foucault/Habermas debate*. Cambridge: MIT Press, 1995a.
- KELLY, Michel. Foucault, Habermas, and the self-referentiality of critique. In: KELLY, M. (org.). *Critique and power: recasting the Foucault/Habermas debate*. Cambridge: MIT Press, 1995b, pp. 365-400.

LATOUR, Bruno. Why has critique run out of steam? From matters of fact to matters of concern. *Critical Inquiry*, v. 30, n. 02, p. 225-248, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1086/421123>.

LEBRUN, Gérard. Transgredir a finitude. In: RIBEIRO, R. J. (org.), *Recordar Foucault: textos do colóquio Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pp. .

PIZA, Suze de Oliveira. *Crítica em Kant e Michel Foucault: semântica transcendental e semântica transcendental-histórica (sobre produção de Filosofia)*. 323 fls. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2014.934789>.

SAAR, Martin. *Genealogie als Kritik: geschichte und theorie des subjekts nach Nietzsche und Foucault*. Francfort-sur-le-Main: Campus Verlag, 2007.

STIVAL, Monica Loyola. *Foucault entre a crítica e o nominalismo*. 323 fls. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2013.tde-24062013-132203>.

TAYLOR, Charles. Foucault on freedom and truth. *Political Theory*, v. 12, n. 02, p. 152-183, 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/191359>. Acesso em:

TERRA, Ricardo. Foucault leitor de Kant: da antropologia à ontologia do presente. *Analytica*, v. 02, n. 01, p. 73-87, 1997. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/401>. Acesso em:

THOMPSON, Kevin. Historicity and transcendentalism: Foucault, Cavallès, and the phenomenology of the concept. *History and theory*, v. 47, n. 01, p. 01-18, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2008.00432.x>.

VISKER, Rudi. *Michel Foucault: genealogy as critique*. New York: Verso, 1995.

Recebido em 01 de novembro de 2024

Aprovado em 06 de dezembro de 2024

Publicado em 13 de dezembro de 2024

